

Aumento da escolaridade vai criar nova realidade no País

Paulo Barletta Paiva
de Belo Horizonte

O ensino médio, também conhecido como secundário (segundo grau), que abrange alunos principalmente na faixa dos 15 aos 19 anos está em franca expansão. Os mais otimistas chegam a falar em “revolução silenciosa”.

Este ano, por exemplo, o número de matrículas no ensino médio, em todo o Brasil, deverá ultrapassar os 7 milhões, segundo o Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Em 1997, este número foi de 6,4 milhões – e, em 1996, de 5,7 milhões. De 1994 a 1998, o crescimento chegou a 30%. Resultado: até 2003, o nível médio de escolaridade da população economicamente ativa (PEA) brasileira deverá saltar dos atuais pífios quatro anos para oito anos. É um crescimento muito bom, segundo o MEC. Na indústria este índice já é, hoje, de 5,9 anos.

Alguns números do Censo Educacional de 1996, realizado pelo MEC, mostram a faixa etária onde está esta massa de secundaristas. Do total de 5,7 milhões de matriculados, 3,1 milhões apresentavam idade acima de 17 anos. Outros 2,5 milhões encontravam-se entre 15 e 17 anos – e apenas 100 mil têm menos de 15 anos.

A região Sudeste, a mais rica do País, concentra a maior parte destes estudantes, com 2,8 milhões de matrículas. O Nordeste é o segundo, com 1,2 milhão de alunos – e o Sul vem em terceiro, com 937 mil.

Outra boa notícia é que o ensino médio está se democratizando. “Uma avaliação feita em nove estados em 1997 mostrou que 54% dos alunos matriculados no ensino secundário pertencem a famílias com renda média mensal de até R\$ 720. Outros

28% são de famílias com renda mensal de até R\$ 360”, diz Ruy Berger, secretário nacional de Educação Média e Tecnológica do MEC.

Paralelamente à democratização, estes jovens estão chegando a um nível de escolaridade antes proibitivo para gerações mais velhas. “Do total de alunos que estão concluindo o segundo grau, 80% têm pais com ensino médio incompleto”, revela Berger.

A explosão do ensino médio no Brasil está sendo alavancada por vários fatores. Um deles é o fluxo mais regular dos alunos no ensino fundamental – antes, um gargalo intransponível para milhares de alunos.

“Com isto, mais gente chega ao ensino médio”, explica Berger. Em Minas, por exemplo, um dos estados que mais avançou em educação pública, a taxa de reprovação no ensino fundamental caiu de 50% para algo como 10% num período de seis anos.

Outro fator: em tempos de competição global, as empresas estão exigindo um nível de escolaridade maior por parte de seus trabalhadores. Resultado: muita gente está voltando para os bancos escolares para não perder o emprego.

Este novo cenário trará reflexos de curto, médio e longo prazo para o País. O crescimento no índice de escolaridade significa mais gente qualificada no mercado de trabalho – fato que, por sua vez, vai gerar uma série de outros impactos, tanto na área profissional como no próprio sistema de ensino brasileiro, público e privado.

Na área privada algumas escolas já estão se preparando para a nova realidade. “Com o crescimento do ensino médio, as escolas particula-

res terão que oferecer alternativas de qualidade para cursos superiores, de terceiro grau, que passarão a ter uma demanda maior”, diz Evando Neiva, presidente do Grupo Pitágoras, com 126 escolas e 80 mil alunos espalhados por todo o País.

O raciocínio de Neiva é claro: com mais gente concluindo o segundo grau, mais gente vai ingressar nas universidades. “O diploma universitário ainda é a grande aspiração da maior parte das famílias brasileiras”, diz o executivo. A demanda por ensino superior, portanto, vai aumentar. Fiel ao raciocínio, o Pitágoras vai oferecer, já em 1999, cursos superiores nas áreas de Administração e Tecnologia da Informação. São os primeiros cursos superiores

lançados pelo grupo desde sua fundação, há 33 anos. Ainda na capital mineira, outras escolas, como o tradicional instituto Zilah Frota, também estão lançando cursos superiores de Administração.

Na área produtiva, os reflexos do novo cenário também parecem ser positivos. “Com gente qualificada, vai crescer o número de pequenos e médios empreendimentos no País. Serão empresas pequenas, leves, virtuais e de múltiplos negócios, geridas por uma ou duas pessoas”, aposta Neiva, indicando um caminho já seguido por grandes potências, como a Itália. “Este é o caminho”, afirma Berger.

A preocupação do MEC, agora, é não deixar a onda do ensino médio cair. “Vamos apoiar os estados, que são os responsáveis pelo ensino médio, para que possam expandir o atendimento nesta área, sempre com qualidade”, diz Berger. As escolas públicas são responsáveis por 80% de todas as matrículas de segundo grau ■

**Muita gente
está voltando
para os bancos
escolares
para não perder
o emprego**